

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

MATIZES NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA



Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Matizes na Literatura Contemporânea

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M433	Matizes na literatura contemporânea [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-635-5 DOI 10.22533/at.ed.355192709 1. Literatura – História e crítica. I. Sousa Ivan Vale de. CDD 809
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A necessidade de ensinar literatura na escola e tomá-la como objeto de ensino no contexto da sala de aula encontra mais espaço quando as propostas de aprendizagem são diversificadas, considerando os diferentes níveis de conhecimentos e os interesses dos estudantes nas finalidades de analisar e investigar o texto literário.

Muitas são as finalidades de ensino da literatura na escola e a identidade deste livro reafirma que as matrizes da literatura na contemporaneidade encontram-se no espaço de efetivação da sala de aula as razões que amplie o processo de formação literária e humanista dos sujeitos. Com o acesso à literatura todos saem ganhando: aprende quem ensina e ensina quem aprende, por isso os dez capítulos que dão formatos a esta obra têm a finalidade de fazer pensar, de demonstrar que na constituição dos múltiplos textos literários há muitas políticas de resistência e de transformação das concepções de mundo dos sujeitos.

No primeiro capítulo a Amazônia brasileira é analisada a partir do texto de natureza literária *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, porque a narrativa põe em pauta questões contundentes para o debate como os processos migratórios. No segundo capítulo as representações femininas nos romances alencarianos são analisadas a partir de um olhar sob a ótica da classe patriarcal romântica brasileira nas obras *Lucíola* e *Senhora*.

No terceiro capítulo as narrativas orais são discutidas com a finalidade de destacar que elas têm muito a nos ensinar, bastante a dizer, além disso, o autor problematiza a necessidade de documentá-las, apresentando duas narrativas da cidade Parauapebas, sudeste do Pará. No quarto capítulo os efeitos da narrativa fantástica têm espaço de discussão e análise a partir do estudo realizado em que o leitor é convidado a inserir-se no processo de interpretação.

No quinto capítulo o autor apresenta ao leitor algumas notas sobre a literatura de Andy Warhol. No sexto capítulo pontuam-se certas constantes do imaginário religioso, sua relevância em cada narrativa e também na instauração do questionamento sobre a verdade oculta que rege o universo, na busca do “aprender a viver”, acentuada preocupação do autor mineiro.

No sétimo capítulo discute-se uma obra literária sob a perspectiva da teoria dos direitos humanos que tem se ocupado em debater o fenômeno da imigração e, mais recentemente, a crise dos refugiados pelo mundo. No oitavo capítulo analisa-se o romance norte-americano *Once in a Promised Land* como uma crítica à propagação de estereótipos negativos em relação a árabes e muçulmanos, principalmente, imigrantes dos Estados Unidos no contexto pós Onze de Setembro.

No nono capítulo tecem-se algumas considerações a respeito da importância da crítica textual e da divulgação de obras de autores como Machado de Assis e Eça de Queirós como atos de resistência aos ataques conservadores e fascistas que o campo progressista combate também na atualidade. Por fim, no décimo e último

capítulo o autor propõe uma análise com focalização na resistência do negro contra o poder do senhorio ainda vigente, mesmo após a abolição da escravatura.

Entender as diferentes matrizes da literatura na contemporaneidade pressupõe aceitar o convite de análise de todos os dez capítulos que dão sentidos e formas a esta obra. Assim sendo, resta-nos desejar aos diversos leitores, interlocutores desta obra, que tenham ótimas reflexões.

Ivan Vale de Sousa
O Organizador.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A AMAZÔNIA BRASILEIRA RETRATADA FORA DO BINARISMO PARAÍSO/INFERNO VERDE EM CINZAS DO NORTE DE MILTON HATOUM	
Ivanete da Silva Alves	
DOI 10.22533/at.ed.3551927091	
CAPÍTULO 2	12
AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NOS ROMANCES ALENCARIANOS: UM OLHAR SOB A ÓTICA DA CLASSE PATRIARCAL ROMÂNTICA BRASILEIRA EM <i>LUCÍOLA E SENHORA</i>	
André Luiz Lunardelli Coiado	
DOI 10.22533/at.ed.3551927092	
CAPÍTULO 3	24
O QUE SE APRENDE QUANDO SE ENSINAM NARRATIVAS ORAIS NA ESCOLA?	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.3551927093	
CAPÍTULO 4	34
EFEITOS DA NARRATIVA FANTÁSTICA: INQUIETANTE, ESTRANHO E METAEMPÍRICO	
Lilian Lima Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.3551927094	
CAPÍTULO 5	41
NOTAS SOBRE A LITERATURA DE ANDY WARHOL	
Tiago Leite Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3551927095	
CAPÍTULO 6	48
O IMAGINÁRIO RELIGIOSO NO UNIVERSO ROSIANO: O DIVINO NAS COISAS TERRENAS	
Edna Tarabori Calobrezi	
DOI 10.22533/at.ed.3551927096	
CAPÍTULO 7	60
O PÚBLICO E O PRIVADO: O LUGAR DO (A) IMIGRANTE NA SOCIEDADE CANADENSE ATRAVÉS DE UM ROMANCE	
Tacel Ramberto Coutinho Leal	
DOI 10.22533/at.ed.3551927097	
CAPÍTULO 8	68
LITERATURA E RESISTÊNCIA: LAILA HALABY PUBLICA <i>ONCE IN A PROMISED LAND</i>	
Loiva Salete Vogt	
DOI 10.22533/at.ed.3551927098	
CAPÍTULO 9	80
PELO RESGATE DE UMA LITERATURA DE RESISTÊNCIA E DE COMBATE: PREPARAÇÃO DE EDIÇÕES CRÍTICAS DE OBRAS DE MACHADO DE ASSIS E DE EÇA DE QUEIRÓS	
Ceila Maria Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.3551927099	

CAPÍTULO 10	88
“CACHAÇA”: O CONSOLO DE UMA LUTA POR INSERÇÃO SOCIAL Edvaldo Santos Pereira DOI 10.22533/at.ed.35519270910	
SOBRE O ORGANIZADOR	95
ÍNDICE REMISSIVO	96

PELO RESGATE DE UMA LITERATURA DE RESISTÊNCIA E DE COMBATE: PREPARAÇÃO DE EDIÇÕES CRÍTICAS DE OBRAS DE MACHADO DE ASSIS E DE EÇA DE QUEIRÓS

*Em memória de Flávio Roberto
de Carvalho Silva,
amigo que procurou contribuir no processo,
ainda em curso, construção de
vde um mundo justo*

Ceila Maria Ferreira
(LABEC-UFF) Niterói-RJ

Professora de Crítica Textual vinculada ao Departamento de Ciências da Linguagem do Instituto de Letras da UFF. Coordenadora Geral do Laboratório de Ecdótica da UFF.

Escritora ligada ao Mulherio das Letras Rio. Desde abril de 2019, Pesquisadora 2 de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mails: ceilamaria@hotmail.com , labec@vm.uff.br

RESUMO: Neste trabalho, teceremos algumas considerações a respeito da importância da Crítica Textual e da divulgação de obras de autores como Machado de Assis e Eça de Queirós como atos de resistência aos ataques conservadores e fascistas que o campo progressista combate também nos dias de hoje. Falaremos, outrossim, sobre a importância de estudarmos a materialidade dos textos e aspectos referentes à transmissão dessas

obras, aspectos esses muitas vezes ignorados pelos Estudos de Literatura. Daremos também informações acerca de características das edições que estamos preparando no momento.

¹

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Textual, Literatura, Machado de Assis, Eça de Queirós.

RECLAIMING A LITERATURE OF RESISTANCE AND COMBAT: THE PREPARATION OF CRITICAL EDITIONS OF THE WORKS OF MACHADO DE ASSIS AND EÇA DE QUEIRÓS

ABSTRACT: This study presents some considerations about the importance of textual criticism and the propagation of works by authors like Machado de Assis and Eça de Queirós as acts of resistance to the conservative and fascist attacks that the field of progressivism is still fighting nowadays. It also speaks of the importance of studying the materiality of texts and aspects pertaining to the transmission of these works – aspects that are all too often overlooked in literary studies. Information is also given about the characteristics of the editions currently being prepared by the authors.

KEYWORDS: Textual Criticism, Literature, Machado de Assis, Eça de Queirós

1 O texto que agora publicamos é uma versão revista e atualizada, pela autora, do que foi anteriormente publicado em: SILVA, Rogério Lima/ AMORIM, Ana Maria/CABALA, Frederico (orgs). **Anais Eletrônicos do Congresso Internacional da ABRALIC 2018**. Circulação de tramas & sentidos na Literatura. 2018, p. 1025-1033. Uma versão mais resumida do trabalho que publicamos nos **Anais** foi apresentada oralmente no referido evento da ABRALIC.

Este título, que é quase uma profissão de fé, chama a atenção para uma questão muito cara a quem trabalha com Filologia/Crítica Textual que é o resgate de obras, de textos que, por uma série de motivos literários e/ou extraliterários, foram retirados de circulação ou deixaram de circular conforme publicados por seus autores ou suas autoras. Tal resgate é também uma forma de resistência ao silenciamento e ao apagamento do que também pode contribuir para a divulgação de versões de textos e de novas e velhas materialidades textuais que foram por vezes propositalmente esquecidas por força de ações vinculadas à ideologia da classe dominante e que de uma forma ou de outra era um testemunho do contraditório ou, nas palavras de Walter Benjamin, de escovar a história a contrapelo.

Conforme podemos ler em **A Elite do Atraso: da Escravidão à Lava Jato**, de Jessé Souza (2017, p. 123), e isto se aplica ao Brasil de hoje:

A esmagadora maioria dos produtos da indústria cultural e da mídia não se dirige ao conhecimento, que transforma e emancipa o sujeito, mas sim ao reconhecimento de estereótipos, clichês e chavões, que reproduzem o mundo e os interesses que estão ganhando.

Contudo, trabalhar com Crítica Textual é também problematizar estereótipos, clichês e chavões, pois o trabalho do filólogo ou crítico textual é um mergulho no texto e no contexto em que a obra estudada e trabalhada foi produzida, reproduzida e, sobretudo, é um ato de resistência ao apagamento de traços concernentes à historicidade e à materialidade do processo de transmissão textual, assim como a tentativas de apagamento de ideias materializadas em textos que deixaram de circular ou que tiveram aumentadas as dificuldades de circulação entre setores e segmentos da sociedade que teriam mais possibilidades objetivas de abraçá-las e que poderiam contribuir efetivamente para o aumento da consciência crítica e do desvelamento da existência de novas possibilidades de textos, de leituras, de histórias, de escritas e de mudança de qualidade de vida para melhor entre nós.

Já dizia Edward Said, num trecho de **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente, que a Filologia: “[...] pressupunha um profundo espírito humanista empregado com generosidade e, se me permitem o termo, com hospitalidade [...]” (SAID, 2007, p. 22).

E praticar generosidade e hospitalidade são, hoje, atos de resistência e eu diria também de combate ao que Noam Chomsky, no documentário *Requiem for the American Dream*, chamou de ataque à solidariedade que é um dos princípios fundamentais de concentração de riqueza e de poder característicos do fortalecimento

2 Há também um livro baseado nesse documentário.

do neoliberalismo.² Mas o que isto tem a ver com literatura, com estudos literários, com Crítica Textual?

Para respondermos a esta pergunta, vamos chamar aqui também à interlocução um texto de Antonio Candido intitulado, O direito à literatura, publicado em **Vários Escritos**. Neste texto, diz Candido que: “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e que a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.” (CANDIDO, 2004, p. 191).

E por que é inalienável? Porque, conforme Candido (2004, p186):

[...] pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição de direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos.

No caso de **Papéis Avulsos**, coletânea de contos de Machado de Assis, e das narrativas de viagem de Eça de Queirós, tais obras, produzidas no século XIX, também apresentam questões que dialogam e muito com os dias de hoje, como a crítica ao autoritarismo e a existência de abertura ou não ao diálogo com a diversidade.

Trabalhar com Crítica Textual é contribuir para a preservação e a divulgação do patrimônio cultural em forma de textos. No caso dos projetos que estamos realizando, de textos escritos por autores que produziram literatura e combateram o que podemos chamar de bom combate. E o que estamos chamando de bom combate? Tanto Machado de Assis quanto Eça de Queirós fomentaram o contraditório. Ou seja, ajudaram a divulgar palavras, ideias, valores culturais que de uma forma ou de outra perturbavam e ainda perturbam a ordem de dominação vigente ainda hoje.

Como exemplo, podemos destacar em “O Alienista”, conto que abre **Papéis Avulsos**, um trecho em que, ao contrário do que a elite economicamente dominante procurava divulgar, à época em que a história do conto acontece, a única pessoa que conseguiu perceber, com maior rapidez, o que se passava, numa determinada parte do conto, foi um menino em situação de escravidão. Isto ocorre nas páginas 45-46 da edição de 1882, conforme podemos perceber a partir da leitura do trecho a seguir:

D. Evarista teve notícia da rebelião antes que

ela chegasse; veio dar-lha uma de suas crias. Ela

provava nessa ocasião um vestido de seda, - um

dos trinta e sete que trouxera do Rio de Janeiro,

- e não quis crer.

- Há de ser alguma patuscada, dizia ela mu-

dando a posição de um alfinete. Benedicta, vê se

a barra está boa.

- Está, sinhá, respondia a mucama de cócaras

no chão, está boa. Sinhá vira um bocadinho. Assim.

Está muito boa.

- Não é patuscada, não, senhora; eles estão

gritando: - Morra o Dr. Bacamarte! o tirano!

dizia o moleque assustado.

- Cala a boca, tolo! Benedicta, olha aí do lado

esquerdo; não parece que a costura está um pouco

enviesada? A risca azul não segue até abaixo; está

muito feio assim; é preciso descoser para ficar

igualzinho e...

- Morra o Dr. Bacamarte! morra o tirano!

uivaram fora trezentas vezes. Era a rebelião que

desembocava na rua Nova.

D. Evarista ficou sem pinga de sangue. No

primeiro instante não deu um passo, não fez um

gesto; o terror petrificou-a. A mucama correu ins-

tintivamente para a porta do fundo. Quanto ao

moleque, a quem D. Evarista não dera crédito, teve

um instante de triunfo, um certo movimento sú-

bito, imperceptível, entranhado, de satisfação moral,

ao ver que a realidade vinha jurar por ele. (ASSIS, 1882, p. 45-46)³

Nas narrativas de viagem de Eça de Queirós, à página 2 do manuscrito

³ A grafia foi atualizada por nós, conforme o acordo ortográfico, também assinado pelo Brasil e vigente, ,hoje, em língua portuguesa.

autógrafo, há uma passagem que não aparece na edição intitulada **O Egipto**. Notas de viagem, publicada em 1926, portanto, 26 anos após o falecimento do referido autor. Nessa passagem, o jovem Eça faz críticas aos que estavam explorando o Egito de então. Diz Eça, conforme o texto crítico, que tem como base o manuscrito autógrafo, parte do acervo da Biblioteca Nacional de Portugal. Tal edição, ainda em preparação, das narrativas de viagem, é parte da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, projeto coordenado pelo Professor Carlos Reis. Vamos ao exemplo:

[Folha 1- verso]

infinitas. A pátria com as/ suas burguesias, os seus minis/tros, os seus imbecis,/ as suas misérias, ficava atrás/ como uma cousa esquecida./

Ao centro, no fim do mar/ azul, como um olho huma/no, levemente trêmulo e/ nervoso, sereno na sua/ largura dos horizontes, apa/recia, cortando no profundo/ céu azul as suas linhas re/ctas, branca, Cádiz. ____

A noite pelas ruas /

Cádiz tem aproveitado para/ as suas construções modernas/ tudo quanto da construção/ mourisca ou árabe é uma/ necessidade higiênica e clima/térica: os balcões saindo gra/ciosamente para a rua, os terraços./

Linha 1: [Em “as suas/ burguesias”, leitura duvidosa. Outra possibilidade: a sua burguesia].

[Antes da palavra imbecis, há, no manuscrito autógrafo, uma vírgula, pois havia outra palavra –provavelmente devoradores – que foi riscada pelo autor. Tal palavra, no manuscrito autógrafo, encontra-se entre seus e imbecis].

Linha 3: [Em “no fim”, leitura duvidosa. Outra possibilidade: ao fim].

Linha 5: [O suas de “suas linhas rectas” está, no texto crítico, de acordo com a lição presente na edição de 1926].

Linha 8: [No manuscrito autógrafo, há, muito provavelmente, uma vírgula entre “árabe” e “é uma necessidade”. No texto crítico, ela não foi mantida].⁴

Quanto à Crítica Textual, ela vai ajudar-nos a desenvolvermos uma visão mais crítica do processo de produção e de divulgação das obras, pois tal visão será permeada pela noção de historicidade, de mudança, de sentido de construção, de processo, de gênese e vai encarar os textos, dependendo do caso, como etapas do processo de transmissão e/ou de escritura. Ou seja, vai contribuir para reforçar, no

4 A citação foi retirada do texto crítico, ainda em preparação, das narrativas de viagem de Eça de Queirós, volume ainda inédito da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, coordenado pelo Professor Carlos Reis. Tal texto crítica com vies genético tem como base o manuscrito autógrafo que faz parte do acervo do Arquivo de Cultura Contemporânea da Biblioteca Nacional de Portugal. As barras [/] significam mudança de linhas presentes no manuscrito. É preciso assinalar também que tentaremos sanar as dúvidas de leitura em consulta ao manuscrito na BN-PT. Estamos, no momento, consultando, para a realização da referida edição com viés genético, uma cópia digitalizada do manuscrito autógrafo.

palco dos estudos literários, questões altamente pertinentes, como o processo de edição como mediação do texto entre o autor/a autora e o público leitor, assim como a qualidade editorial das obras e o tipo de edição. Todas essas questões são pontos que devem ser observados para a realização de pesquisas e estudos não apenas no campo da literatura, o que vai colocar em evidência a necessidade de exame da materialidade dos textos e obras.

Já diziam Rosa Borges e Arivaldo Sacramento de Souza, em *Filologia e Edição de Texto*, publicado em **Edição de Texto e Crítica Filológica**, que:

É precisamente “contra a abstração dos textos”, perspectiva adotada por quase todas as abordagens de crítica literária do séc. XX e do começo deste, que se vê a relevância da crítica filológica. Nela, não se faz a oposição binária entre texto físico/material *versus* texto abstrato; afinal, como aponta Chartier, quando um “mesmo texto” muda de suporte, não há apenas uma simples transposição de uma massa textual, e sim a recriação de outras coordenadas histórico-culturais que implicam outros sentidos. (2012, p. 54).

Soma-se a essa contribuição a influência da Crítica Genética para a Crítica Textual Moderna, que fortaleceu ainda mais os estudos em arquivos e a procura por manuscritos autorais com rasuras, emendas, correções do próprio autor ou da própria autora. Dito isto, é preciso salientar que as figuras do autor também saiu fortalecida desse diálogo, assim como com o incremento da pesquisa em arquivos e a valorização de fontes primárias, a Crítica Textual pode muito contribuir para o enfrentamento de questões como a do apagamento da presença de mulheres escritoras das histórias de nossa literatura e de temas e de bibliografias de cursos de Letras, apesar de que a necessidade de estudarmos textos de autoria feminina vem se colocando cada vez mais como de urgência urgentíssima com a maior difusão dos estudos de gênero nas universidades, vide a atuação de núcleos como o NIELM, na Faculdade de Letras da UFRJ, e a existência de Coletivos de Mulheres Escritoras, fora dos muros da academia, como o Mulherio das Letras, por exemplo. Lembramos ainda que a preparação de edições críticas é um trabalho de investigação da tradição direta e indireta de obras que vem facilitar o estudo e a pesquisa de fontes primárias e também pode contribuir para o questionamento do cânone literário, como foi o que ocorreu a partir da divulgação da, só para citarmos um exemplo, Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, que acabou suscitando que começassem a falar em um novo Eça.

Sobre a preparação das edições críticas de **Papéis Avulsos**, de Machado de Assis, e das narrativas de viagens de Eça de Queirós, falaremos a seguir.

A respeito de **Papéis Avulsos**, trata-se, como já dissemos, de uma coletânea de contos, em forma de livro, publicada pela única vez, em vida de Machado, no ano de 1882, pela Lombaerts & C.

A coletânea é aberta com uma ADVERTÊNCIA que é seguida de doze contos, além de um capítulo com notas de autoria do próprio Machado de Assis.

Os contos que estão presentes em **Papéis Avulsos** são: “O Alienista”, “Teoria

do Medalhão”, “A Chinela Turca”, “Na Arca”, “D. Benedicta”, “O Segredo do Bonzo”, “O Empréstimo”, “O Anel de Polycrates”, “A Sereníssima República”, “O Espelho”, “Uma Visita de Alcibíades”, “Verba Testamentária”.

E por que escolhemos **Papéis Avulsos**?

Porque além de ser um marco na produção literária de Machado de Assis, no gênero conto, foi uma das obras do chamado Bruxo do Cosme Velho que não foram publicadas, na sua totalidade, pela saudosa Comissão Machado de Assis, marco na história da Crítica Textual em língua portuguesa. Além disso, acerca de **Papéis Avulsos**, à medida que nos aprofundamos em sua leitura, como também na de sua fortuna crítica, fica difícil não percebermos o caráter político dessa obra, a começar pelo próprio título que pode ter tido por motivações títulos de obras de José Bonifácio de Andrada e Silva (**Poesias Avulsas** é um deles), assim como a citada, por Silvio Castro, em **Machado de Assis e a Modernidade Brasileira** (2009, p. 37), admiração de Machado de Assis por José Bonifácio⁵. E as aproximações entre **Papéis Avulsos** e o período em que se deu a chamada independência política do Brasil não se restringe ao título e à admiração à Bonifácio. Como já salientaram autores como Friedrich Frosch, por exemplo, no artigo intitulado “O tenebroso problema da patologia cerebral” Algumas considerações acerca d’O Alienista machadiano (2006, p. 292), existe ligação entre Itaguaí e o “famoso Grito do Ipiranga” segundo palavras de Frosch, em publicação e página a pouco citadas. Itaguaí estava no caminho em direção ao local onde se deu o “famoso Grito”.

Já para John Gledson, destacado estudioso das obras de Machado de Assis e autor do Prefácio da edição comentada de **Papéis Avulsos**, publicada pela Penguin Classics Companhia das Letras, em 2011: “[...] o assunto meio escondido da coletânea é o Brasil – porém, um Brasil visto às avessas, com ironia, através de excursões no tempo e no espaço.” (2011, p. 10).

Além disso, a obra **Papéis Avulsos** foi publicada no ano do aniversário de 60 anos da já referida independência, mas disto trataremos na introdução que abrirá a edição crítica que estamos preparando com alunas e alunos de Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, assim como de discentes vinculados e vinculadas ao Programa Pós-Graduação de Estudos de Literatura da UFF. Tal edição terá como base o texto da edição de 1882 e trará um cotejo entre o texto crítico e textos publicados em periódicos em vida de Machado de Assis, além de o cotejo do texto crítico com as seguintes edições: com a de provavelmente 1920, além das de 1937, 1948 e 1959 (reimpressão de 1997) da referida obra machadiana.

Quanto à edição das narrativas de viagem de Eça de Queirós, ela tem como texto base o dos manuscritos autógrafos do autor. Além disso, estamos trabalhando com parte de sua tradição direta e os critérios que norteiam sua preparação são os da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, projeto coordenado pelo Professor

5 Há notícias de uma obra de José Bonifácio intitulada **Papéis Avulsos**. Vamos buscar essa fonte.

Carlos Reis, que nos convidou para realizarmos a referida edição. Nesse trabalho, contamos, no momento, com a colaboração das pesquisadoras Cristiane Tolomei, docente da Universidade Federal do Maranhão, e de Gisele de Carvalho Lacerda, doutoranda do Programa de Estudos de Literatura da UFF. Quanto à Viviane Arena Figueiredo, ela está nos auxiliando na preparação da edição crítica de **Papéis Avulsos**.

Com esses trabalhos, pretendemos contribuir para a difusão da Crítica Textual e para a divulgação e preservação das obras de Machado de Assis e de Eça de Queirós, com a certeza de que trabalhar com Crítica Textual e com a palavra desses autores é um ato de resistência, inclusive, ao fascismo que vem assombrando os dias de hoje.

REFERÊNCIAS:

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Papéis Avulsos**. Rio de Janeiro: Lombaerts & C., 1882.

BENJAMIN, Walter, Sobre O Conceito da História. In: ---. **Obras Escolhidas I**. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre Literatura e História. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. São Paulo, Brasiliense, 2012, p. 241-252.

BORGES, Rosa/SOUZA, Arivaldo Sacramento. Filologia e Edição de Textos. In: BORGES, Rosa/SOUZA, Arivaldo Sacramento de/ MATOS, Eduardo Silva Dantas de/ALMEIDA, Isabela Santos de. **Edição de Textos e Crítica Filológica**. Salvador: Quarteto, 2012, p. 54.

CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In: candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-es-critos.pdf . Acesso em 20/07/2018.

CASTRO, Sílvio. **Machado de Assis e a Modernidade Brasileira**. Rio de Janeiro: Galo Branco/ABL, 2009.

FROSCH, Friedrich. O tenebroso problema da patologia cerebral. Algumas considerações acerca de O Alienista machadiano. In: **1º Concurso Internacional Machado de Assis**. Ensaios Premiados. A obra de Machado de Assis. Brasília: Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores, 2006, p. 277-332.

GLEDSON, John. Prefácio. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Papéis Avulsos**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

QUEIRÓS, José Maria Eça de. Cópias digitalizadas de Manuscritos Autógrafos das narrativas de viagem. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal.

QUEIROZ, José Maria Eça de. **O Egipto**. Notas de Viagem. 3 ed. Porto, Lello & Irmão, 1926.

REQUIEM for the American Dream. Direção: Jared P. Scott, Kelly Nyks e Peter D. Hutchison. Produção: Jared P. Scott, Kelly Nyks e Peter D. Hutchison. Estados Unidos da América, 2015.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como Invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 22.

SOUSA, Jessé. **A Elite do Atraso: da Escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA: Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolição da Escravatura 88, 90, 91, 93, 94

Amazônia 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 88, 89

Análise 1, 2, 13, 17, 24, 34, 48, 49, 88

Árabes 68, 69, 70, 75, 78

Autor mineiro 48, 49

C

Cinzas do Norte 1, 2, 3, 6, 10, 11

Conhecimentos 26, 51

Conservadores 64, 65, 80

Crítica 8, 15, 17, 23, 44, 46, 68, 75, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87

Crítica Textual 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87

D

Direitos Humanos 60, 63, 66, 82

E

Eça de Queirós 5, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Ensino 24, 25, 27, 28, 29, 32, 95

Estados Unidos 61, 68, 69, 70, 75, 76, 78, 87

F

Fascistas 80

I

Imaginário Religioso 48

Imigração 60, 61, 62, 63, 66

L

Leitor 13, 14, 24, 29, 34, 35, 37, 44, 45, 51, 55, 58, 77, 78, 85

Literatura 10, 11, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 48, 58, 59, 60, 68, 69, 71, 79, 80, 82, 85, 86, 87, 90, 94

Lucíola 12, 13, 15, 17, 22, 23

M

Machado de Assis 13, 23, 80, 82, 85, 86, 87

Milton Hatoum 1, 2, 9, 10, 11

Muçulmanos 68, 69, 70, 74, 75, 76, 78

N

Narrativa Fantástica 34, 38

Narrativas Oraís 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32

Natureza Literária 1

Negro 52, 63, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

O

Obra Literária 37, 42, 68, 78

P

Pará 3, 24, 29, 94, 95

Parauapebas 24, 29, 31, 95

Poder do Senhorio 88, 89, 91

Processos Migratórios 1, 2

Propostas 26, 29, 32, 39

R

Reflexões 10, 24, 41, 42, 55, 56, 58

Refugiados 60, 61, 62

Representações Femininas 12

Resistência 7, 8, 9, 26, 69, 80, 81, 87, 88, 89, 91, 93

Romances 2, 10, 11, 12, 13, 22, 69

S

Sala de aula 24, 25, 28, 29, 31, 32

Senhora 6, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 83

T

Texto Literário 37

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-635-5



9 788572 476355